



Práticas de interação e socialização do património cultural

Bárbara Carvalho | Beatriz Comendador-Rey

Lara Bacelar Alves | Hannah Sackett

O projeto **LandCRAFT** não se limitou à pesquisa arqueológica, procurou também estabelecer um diálogo entre o passado e o presente, destacando a importância das interações humanas com a natureza ao longo do tempo. A descoberta da Arte do Côa nos anos 1990 gerou momentos de controvérsia uma vez que a preservação dos sítios implicou a suspensão da construção de uma barragem. Embora o património tenha sido classificado pela UNESCO (1998), as comunidades locais ainda resistem ao reconhecimento do seu valor cultural, esta fenda histórica, transformou-se num dos principais desafios e focos de intervenção do projeto.

No âmbito das ações de transferência de conhecimento procuramos adotar uma abordagem colaborativa e participativa, envolvendo as comunidades na criação de narrativas sobre a paisagem e os sítios arqueológicos. Cruzando vários domínios de estudo, desde da Etnografia, Arqueologia Comunitária, à Ciência Cidadã, numa ótica de permuta de saberes, desenvolveram-se um conjunto de ações que promoveram a disseminação e partilha de conhecimento da investigação que podemos dividir em três categorias principais: atividades de diagnóstico, difusão e socialização, e transferência de conhecimento.



Fig. 1 - Francisco Bandarra com o machado de pedra polida encontrado no abrigo das Lapas Cabreiras, durante a visita ao sítio arqueológico no âmbito das Jornadas Europeias de Arqueologia - 2022.



Fig. 2 - Café Escondidinho do Pêgo. Ao balcão: Mário Reis e Sr. Henrique Pêgo; Na mesa ao canto esquerdo: João Rodrigues; Mesas ao centro, da esquerda para a direita: Sr. Valentim, Sr. João Osvaldo, Sr. Carlos Martins e o Bolinhas; Na cadeira à direita: Dona Conceição Pêgo.

Uma das preocupações da equipa foi a sua **integração** junto das comunidades locais, um desafio essencial para compreender as dinâmicas culturais e sociais da região. Esta proximidade e trabalho contínuo com as pessoas permitiu não só criar as plataformas necessárias ao **diálogo e confiança** mútua, como contribuiu para a construção de uma investigação exploratória e informada a partir dos contextos

existentes e não em função de perguntas e critérios pré-determinados. A abordagem ao lugar e à sua comunidade focou-se essencialmente na interconexão das suas estruturas sócio-económicas, culturais e experienciais. O Café Escondidinho do Pêgo, na aldeia de Algodres (Figueira de Castelo Rodrigo) foi local de encontro e base de socialização entre a equipa de investigação e a comunidade (Fig. 2).



Figs. 3 e 4 - Sessão de trabalho colaborativo de criação de uma cartografia das faias graníticas do vale do Côa, onde foram recolhidas informações orais sobre o uso e a transformação da paisagem. Aqui com com Sr. Francisco Bandarra da aldeia de Algodres.

Para explorar a **paisagem histórica e cultural** da região, juntamente com os pastores e antigos feitores dos terrenos, o projeto utilizou ferramentas como a cartografia participativa e

a metodologia “Walk-along”. Este método permitiu elaborar um mapa detalhado da microtoponímia, rede de percursos e património etnográfico (Fig. 3 e 4).



No decorrer das festas anuais de Algodres organizamos uma atividade que nos permitiu, simultaneamente, **diagnosticar as relações que a comunidade tem com os elementos patrimoniais e, simultaneamente, sensibilizar para o seu valor.** Usando a ferramenta "BIComún", foram expostos

painéis sobre o património cultural da região e a comunidade foi incentivada a discutir o seu valor e estado de conservação, promovendo um processo de sensibilização e envolvimento ativo nas questões da sua preservação (Figura 5).



Fig. 6 Lara Bacelar mostra o machado de pedra polida das Lapas Cabreiras a Maria Inês Beato e a Maria Vicente, durante a visita ao sítio arqueológico no âmbito das Jornadas Europeias de Arqueologia - 2022

A **socialização do património** permitiu-nos alargar a nossa comunidade de partilha, diversificando a rede de vínculos entre as pessoas, os sítios arqueológicos e a paisagem do vale do Côa. Em 2022, marcamos presença na Noite Europeia de Investigadores, em Coimbra, demonstrando, através de múltiplas atividades e suportes, o trabalho em curso (Fig. 7 a 10). Em 2023, lançou-se do primeiro encontro transfronteiriço sobre arte pré-histórica, que designamos “Ponte da União” (Fig. 11 a 14). Esta ação, inscrita no âmbito das sugestões da Estratégia 6 da Carta ICOMOS 2023, contempla o fomento de redes de cooperação para a promoção da divulgação

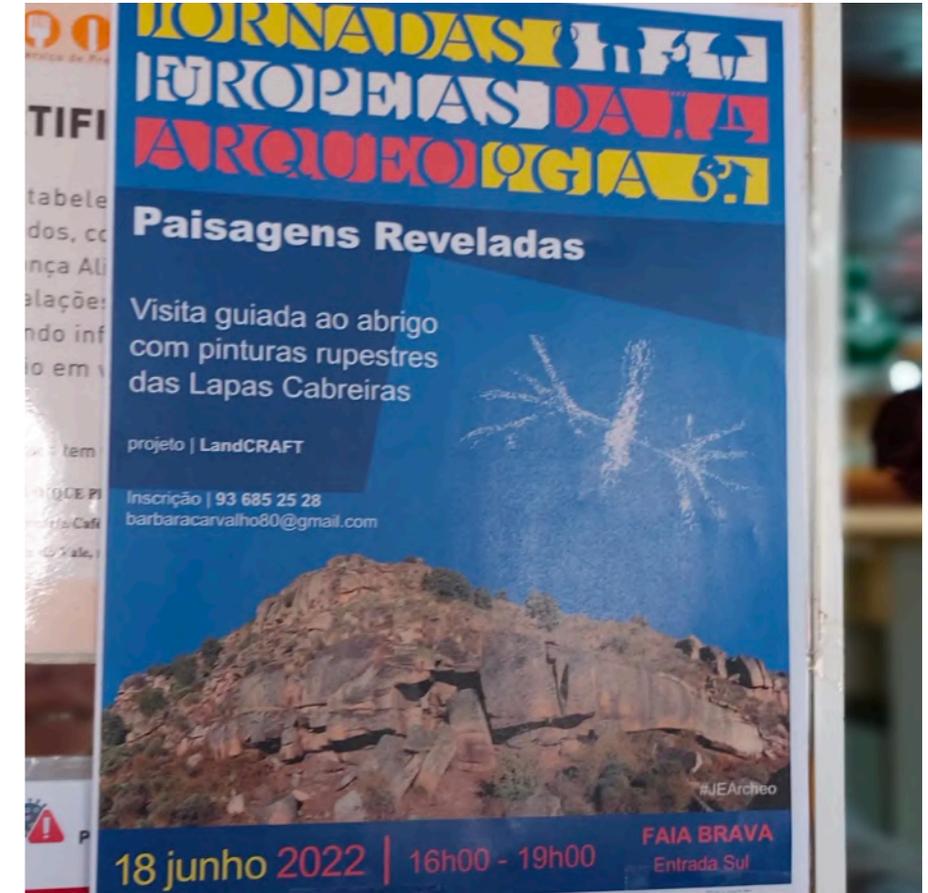
científica, transferência de conhecimento e debate crítico bem como o intercâmbio de experiências entre a comunidade investigadora e outros agentes. Neste sentido, é também de salientar a visita ao abrigo das Lapas Cabreiras, no âmbito das Jornadas Europeias de Arqueologia (2022), na qual os habitantes locais e visitantes foram apresentados ao sítio arqueológico e à sua arte, procurando estimular o diálogo entre o conhecimento científico e a história oral e o reforço dos laços com o lugar (Fig. 15 a 18).



Figs. 7 a 10 - Registos da Noite Europeia dos Investigadores, Coimbra, 2023.



Figs. 11 a 14 - Registos dos encontros "Ponte da União" organizados em 2023 e 2024.



Figs. 15 a 18 - Registos da visita ao abrigo de Lapas Cabreiras no âmbito das Jornadas Europeias de Arqueologia, 2022.

As ações de **transferência de conhecimento** foram um aspeto central do projeto, tendo a equipa trabalhado em parceria com a Organização Não-Governamental de Ambiente – Faia Brava, a Plataforma Ciência Aberta e o Agrupamento de Escolas do Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo na criação de atividades educacionais inovadoras. As bandas desenhadas que Hannah Sackett co-criou com a comunidade escolar local são exemplo desta estratégia de comunicação e transferência de conhecimento, mostrando como uma história

gráfica sobre o sítio arqueológico das Lapas Cabreiras permite criar e consolidar uma relação entre pessoas e patrimónios (Fig. 18 e 19). Outro exemplo de diálogo entre comunidades e transferência de conhecimentos é a colaboração do **LandCRAFT** no projeto artístico “Habitat” da autoria de Antony Lyons realizado no âmbito do Festival Côa – Corredor das Artes” promovido pelo Rewilding Portugal (Fig. 20).

Lapas Cabreiras em banda desenhada

Hoje vamos ver
as Lapas Cabreiras



Alunos do 8º A | 2022 - 2023
AE Figueira de Castelo Rodrigo



Figs 18 e 19 - Banda desenhada das Lapas Cabreiras. Atividade conduzida pela ilustradora Hannah Sackett, em colaboração com a equipa de investigação, que ao longo de um workshop de 3 dias trabalhou com uma turma do 8º ano do Agrupamento de Escolas de Figueira de Castelo Rodrigo na produção de uma banda desenhada dedicada ao sítio arqueológico do Abrigo das Lapas Cabreiras. O workshop foi organizado em duas partes: uma primeira sessão que visava ensinar as bases gráficas da construção de uma banda desenhada, e uma segunda que visou a criação coletiva do trabalho final. Esta abordagem foi concebida para ser utilizada por terceiros, como uma proposta didática a ser desenvolvida autonomamente na comunidade escolar.



Fig. 20 - Na sequência do trabalho realizado com os parceiros locais e no âmbito do "Festival Côa - Corredor das Artes", promovido pela Rewilding Portugal no verão de 2023, o projeto LandCRAFT participou no desenvolvimento do projeto artístico de Antony Lyons – "Habitat". A escultura, instalada na área protegida da Faia Brava, teve como conceito a criação de uma casa de tesouros, inspirada na construção de um pombal tradicional, onde estiveram representados elementos do património ecológico e cultural da paisagem envolvente, incluindo objetos artísticos que remetem para a biografia do sítio arqueológico. A inauguração pública da escultura decorreu a 16 de julho de 2023 e contou com a presença de todos os parceiros locais do projeto.

As práticas de interação e socialização do património do **LandCRAFT** permitiram-nos perceber que só é possível criar um verdadeiro impacto na valorização e conservação de sítios com arte rupestre se assumirmos um trabalho de diálogo e negociação contínuos. Este impacto só poderá ser medido e realmente consequente se encararmos estas práticas como parte de um plano de gestão integrado, um plano que procure ir ao encontro das comunidades locais, fundamentais para a preservação a longo prazo destes sítios. Para que tal aconteça, acreditamos que os “agentes do património” têm que se “fixar” no território, nem que seja de forma intermitente. A ideia de nos “fixarmos” passa também por nos comprometermos, individualmente e coletivamente. Só assim

é que nos parece possível combater o medo intrínseco destas comunidades de caírem no esquecimento e construir narrativas vitalizadas. A verdade é que aqui neste lugar, só é dado valor real aos sítios e às suas materialidades se houver primeiro, um reconhecimento de quem está e vive quotidianamente no território. Os significantes reais de uma paisagem em transformação. Afinal de contas, conservar não é mais do que cuidar e nesta equação entra tudo e todos. Porque na paisagem e no património, cabem lugares, coisas, seres e pessoas e acreditamos que é nestas interseções que podemos encontrar os verdadeiros sentidos de herança e de futuro.